

BRINCANDO NO SÍTIO: CRIANÇAS, CULTURA MATERIAL E PASSADO NA AMAZÔNIA.

Márcia Bezerra¹

“(...) a criança não sabe menos, sabe outra coisa”.

(COHN, 2005: 33)

É comum andar pela Amazônia e encontrar casas assentadas sobre sítios de terra preta arqueológica (TPA)², urnas funerárias usadas como recipientes para o armazenamento de água e farinha e machados polidos como pesos de porta. Essas *coisas do passado* afetam a vida de moradores do entorno de sítios arqueológicos em vários aspectos: elas podem provocar “visagens”, trazer doenças e má sorte, mas também podem ser reunidas em pequenas coleções domésticas e até incorporadas às brincadeiras infantis. Há uma significativa produção bibliográfica sobre a materialidade produzida por sociedades indígenas da Amazônia (SANTOS-GRANERO 2009, entre outros), mas, como já apontou van Velthem (2007), pouca atenção foi dada à cultura material associada a outros coletivos da região, como agricultores, pescadores artesanais e ribeirinhos. A lacuna ainda é maior se pensarmos no repertório material da arqueologia. O lugar/papel dos *objetos indígenas de longa duração* no cotidiano desses outros segmentos sociais tem sido pouco considerado pelas pesquisas acadêmicas.

Um crescente número de pesquisadores tem procurado repensar o estatuto dessas coisas do passado para essas comunidades (BEZERRA e CABRAL 2014; SCHAAN 2007). Apesar disso, observa-se uma carência de investigações voltadas, especialmente, para as crianças que moram no entorno de sítios arqueológicos na Amazônia. Os estudos tratam das relações entre os moradores, os sítios e os objetos arqueológicos, sem, contudo, delimitar os distintos atores que constituem essas coletividades. Bezerra (2011) e Ravagnani (2011) desenvolveram pesquisas sobre crianças moradoras da Vila de Joanes, na ilha do Marajó, e indicaram certo protagonismo infantil na formação de coleções de objetos arqueológicos. A coleta de objetos faz parte de uma atividade competitiva entre crianças da vila. Elas selecionam as peças por critérios, que vão desde a percepção estética até a antiguidade estimada por elas mesmas. Essa prática se repete em várias

¹ Doutora em Arqueologia/USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/PPGA, Universidade Federal do Pará/UFPA. E-mail: marciabezerrac14@gmail.com

² Resultantes de ação antrópica no passado têm sedimentos potencialmente férteis, o que os torna atrativos para a agricultura.

localidades da Amazônia, como na região do Salgado, município de Primavera, no Pará. Na beira do Rio dos Cacos, um extenso sítio de TPA sustenta sobre ele várias casas. O chão pontilhado de fragmentos cerâmicos parece formar um novo piso de ocupação na superfície. A casa de pau-a-pique emerge imponente sobre o montículo que constitui o sítio. Ali o passado e o presente vivem, cotidianamente, juntos. Os cacos que dão nome ao rio não são considerados como brinquedos pelas crianças, mas são objetos de brincadeiras. A sua abundância confere ambiguidade ao seu tratamento: ora são selecionados, reunidos e guardados, ora são descartados. Para alguns moradores de localidades próximas, os objetos arqueológicos: “nasce[ram] da terra mesmo”. É como se o lugar instaurado pelos cacos fosse em si uma fonte inesgotável de coisas, de seres e de histórias. Para as crianças, as bordas do sítio fazem parte de seu *lugar de brincar*: o sítio, o rio e a mata configuram os seus domínios fora da casa e da visão dos adultos. Wilkie (2000: 110) afirma que as crianças criam seus “espaços e paisagens sociais” para ter, tal como os adultos, privacidade. Assim, a fruição com o sítio e suas coisas se dá de forma mais intensa do que ocorre com os mais velhos, que muitas vezes preferem se manter distantes, ainda que morem em cima dos sítios. As crianças transitam pelo sítio, criando caminhos e desafiando os seus assombros. Para elas, aquela não é uma paisagem estranha, posto que as brincadeiras lhes dão certo controle sobre o lugar.

É preciso investir em pesquisas que reconheçam a importância da constituição dessas *paisagens das crianças* e que reflitam sobre o caráter lúdico-mágico dos lugares e coisas arqueológicas que estão, inexoravelmente, ligados à história indígena e à vida cotidiana na Amazônia³.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia. As Moedas dos Índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 53-70, 2011.

BEZERRA, Marcia e CABRAL, Mariana (Orgs). Dossiê: Arqueólogos e Comunidades Locais na Amazônia. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 6, n. 2, 2014.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

RAVAGNANI, Luis R. **O passado, o sítio e a escola**: as relações entre a comunidade escolar e o sítio histórico de Joanes (PA-JO-46). Monografia/TCC. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SANTOS-GRANERO, Fernando. **The Occult Life of Things**: native amazonian theories of materialization and personhood. Tucson, University of Arizona Press, 2009.

³ Crianças: Cauã e Breno (Marajó); Adriana e Jelson (Primavera).

SCHAAN, Denise P. Múltiplas Vozes, Memórias e Histórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico na Amazônia. **Revista do Patrimônio**, n.33, p. 109-129, 2007.

van VELTHEM, Lúcia H. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 50, n.2, p. 605-631, 2007.

WILKIE, Laurie. Not Merely Child's Play: creating a historical archaeology of children and childhood. In: **Children and Material Culture**. Editado por Joanna S. Derevenski, Routledge, 2000, p. 100-113.









